

Eles ajudam a natureza

Os catadores de material reciclável têm papel fundamental para conservar o meio ambiente.

PÁGINAS 24 E 25

PROTEÇÃO À

Os cerca de 2 mil catadores de material reciclável do Distrito Federal também têm papel fundamental para a con



TRÊS PERGUNTAS PARA



Kátia Campos,
diretora do Serviço de
Limpeza Urbana

Quais as garantias que os catadores terão de que todos serão contemplados?

É uma determinação do governo de dar a oportunidade aos catadores, que hoje estão trabalhando de forma inadequada, em um espaço que contemple a segurança do ponto de vista técnico, ambiental e de saúde pública. A garantia é que isso é prioridade do governo.

O que o governo vai fazer para ter coleta seletiva na cidade no prazo?

Até outubro, vamos ampliar a coleta seletiva com catadores e com empresas contratadas. A partir de outubro, o GDF está com edital na praça para ter coleta seletiva em 100% das regiões administrativas. Antes de outubro, faremos o que for possível com as cooperativas de reciclagem.

O que será feito para educar as pessoas sobre a coleta seletiva?

Os novos contratos preveem que a própria empresa que fará a coleta seletiva informe aos moradores, de três em três meses, o dia e horário da coleta. Está previsto no edital.

» GABRIELLA BERTONI
» LUCAS FADUL
ESPECIAIS PARA O CORREIO

No processo de reciclagem do lixo no Distrito Federal, a relevância dos catadores para o meio ambiente parece um tanto desconhecida. Agentes silenciosos da coleta e da separação do que é descartado pelos moradores da capital, eles lutam pela sobrevivência em meio a montanhas de sucata no Lixão da Estrutural, que será fechado até outubro, sem terem total noção da contribuição que prestam à natureza. "Só agora que os ambientalistas estão tomando consciência do nosso papel", percebe a catadora Zilda Fernandes de Souza, 49 anos, presidente da Construir — uma das nove coope-

rativas autorizadas a atuarem nos galpões prometidos pelo Governo do Distrito Federal (GDF).

A presença dos catadores no lixão aponta para condições insalubres de trabalho, com pessoas se misturando diretamente a objetos e resíduos. "A gente não pode olhar só para a eficácia social do que representa esse material na vida das pessoas", alerta Sylmara Lopes Francelino Gonçalves Dias, professora do curso gestão ambiental e do programa de pós-graduação em ciência ambiental e sustentabilidade da Universidade de São Paulo (USP). Para ela, a remoção desses materiais recicláveis é fundamental para diminuir os danos ao meio ambiente.

Muitos não fazem ideia da importância da atividade dos catadores do Lixão da Estrutural para a



Nós ajudamos tirando o que é ruim para o meio ambiente. É o mesmo material que a gente pega no lixão para vender. Se a gente não fizesse isso, seriam 500 anos para ser dissolvido na terra"

Zilda Fernandes de Souza,
catadora

sustentabilidade. No entanto, a contribuição deles, nesse aspecto, é explicada de maneira simples, garante Zilda. "Nós ajudamos tirando o que é ruim para o meio ambiente. É o mesmo material que a gente pega no lixão para vender. Se a gente não fizesse isso, seriam 500 anos para ser dissolvido na terra", diz.

Diariamente, 2,8 mil toneladas de lixo são despejadas no Lixão da Estrutural, de acordo com o Serviço de Limpeza Urbana (SLU). Por mês, cada catador recolhe cerca de 2 mil toneladas. Porém, o trabalho manual sobre grandes montes de entulho não garante que todo plástico, isopor e papelão serão levados para reciclagem. Com o Aterro Sanitário de Brasília, em Samambaia, a promessa é de que esse material passe por uma triagem mais rigorosa.

Sobrevivência

Os centavos recebidos antes da crise financeira — que reduziu o volume do lixo de qualidade e, consequentemente, atingiu a renda desses catadores — têm agora a chance de aumentar. Com a coleta seletiva, o GDF espera beneficiar os catadores cooperados e ajudar a preservar a natureza.

Nessa relação, quem fica atrás é a sociedade. "Quem mais ganha é a indústria, que paga pouco pelo material, que não podemos julgar apenas pelo valor", comenta Sylmara, a especialista da USP. "Precisamos mesmo fechar os lixões no Brasil inteiro. O que não pode é ignorar as pessoas que sobrevivem disso nessa transição", conclui.



Dinorá Borges:
"Meu sonho é ter uma casa de dois andares e um carro"

"AQUI, TUDO TEM SEU LUGAR"

» WALDER GALVÃO*

Logo na entrada do Varjão, uma grande construção com muros grafitados recebe aqueles que visitam a região administrativa. No local, funciona a Central de Reciclagem da cidade. Por dia, um caminhão de lixo chega para despejar os materiais que serão cuidadosamente separados pelos trabalhadores do lugar: 24 mulheres e um homem. Do lado de fora, os sacos são abertos e despejados dentro de uma esteira. A plataforma transporta os resíduos para o interior do edifício. Com as mãos enluvadas, a catadora Dinorá Borges, 56 anos, começa a divisão dos itens. "Em um saco, colocamos os

papéis coloridos e, em outro, os brancos. Os jornais e as revistas também precisam ficar em locais diferentes. Aqui, tudo tem seu lugar: garrafas pet, plásticos mais duros e moles, latas e latões não podem ficar misturados", explica.

Natural de Minas Gerais, Dinorá chegou à capital do país há 50 anos. No trabalho, não deixa a vaidade de lado. Piercings na sobrancelha, vários brinços na orelha e uma tatuagem de estrelas no pescoço compõe o visual da catadora. Com calça verde, camiseta branca, rabo de cavalo e uma sandália cros, ela retira os materiais da esteira, porém, não consegue esconder a chateação por ter quebrado uma das unhas, caprichosamente

pintadas de cinza. "Isso acontece porque trabalhamos de luva, e ela acaba apertando a ponta do dedo. Mas os perigos são outros. Muita coisa chega aqui misturada. Minha filha, que fica aqui com a gente, furou o dedo em uma agulha esses dias", lembra.

Ela mora a três quadras de distância do galpão e vai a pé todos os dias para o local. "A gente trabalha de segunda-feira a sexta-feira. O nosso salário é quinzenal, dá pra tirar uns R\$ 200, não chegando a um salário mínimo", afirma. Atualmente, Dinorá vive com o marido, que é pedreiro, e uma neta. Ela conta que trabalhava sob supervisão quando chegou em Brasília, mas, há

dois anos, iniciou na Central de Reciclagem. "Meu sonho é ter uma casa de dois andares e um carro. Também quer que a situação de trabalho dos catadores melhore. E, se não for pedir demais, queria conhecer o cantor Gustavo Lima", brinca. Dinorá conta que os parentes não sabem que ela é catadora e um sorriso sem graça denuncia o porquê. "Tenho irmãos fora do DF que vivem bem, que têm carros e casas de até oito quartos. Mas eu tenho esperança de que um dia minha situação também vá melhorar", acredita.

*Estagiário sob supervisão de José Carlos Vieira

COMO TUDO COMEÇOU

Tadashi Nakagomi/CB/D.A Press - 2/9/78



» O Lixão da Estrutural surgiu na década de 1960. Na época, cerca de 130 pessoas começaram a ocupar barracos construídos de madeira e plásticos, obtidos do lixo. O lugar era relativamente longe do Plano Piloto, 15km.

Tadashi Nakagomi/CB/D.A Press - 2/9/78



» Em 1978, o lixão já sustentava diversas famílias da Cidade Estrutural. O que muitos não sabem é que a cidade começou a surgir a partir do Lixão. Os resíduos vinham da capital federal e eram aproveitados por centenas de pessoas.

Tadashi Nakagomi/CB/D.A Press - 2/9/78



» O depósito irregular de lixo foi feito de forma improvisada. A pilha de resíduos crescia a cada dia e mais moradores se acumulavam ao redor da área. Problemas ambientais e sociais começaram a surgir.

» O Setor Complementar de Indústria e Abastecimento (SIA) foi criado em 1988, ao lado da Vila Estrutural. Na intenção era retirar a população das proximidades do Lixão. Várias tentativas foram realizadas.



Assista a VÍDEO com imagens antigas do Lixão da Estrutural



Mídia: Paulo Roberto/CB/D.A Press - 2/9/78

A NATUREZA

Palavra de especialista

Trabalhador invisível

servação do meio ambiente. O futuro da profissão, porém, segue incerto com o fechamento do Lixão da Estrutural

Ed Alves/CB/D.A Press - 8/5/17



O Lixão da Estrutural recebe, diariamente, 2,8 mil toneladas de lixo, segundo o SLU: necessidade de reformulação no sistema de coleta e despejo de resíduos

"Hoje, no Brasil, somos campeões de reciclagem em vários segmentos e a principal razão disso é que temos o catador lá na ponta desta cadeia coletando o que sobra do nosso consumo e ganhando muito pouco. São cadeias, hoje, muito bem estruturadas, começamos com o alumínio, pelo valor econômico enorme para a indústria de um modo geral, e também toda a cadeia da reciclagem, gerando um valor econômico. Então, vamos supor que, de R\$ 100, ele está tirando R\$ 10. É muito desproporcional o ganho da indústria e o ganho do catador. Na linguagem comum, é o dinheiro de pinga. Realmente, eles não conseguem, dignamente, tirar um prato de comida com esse valor. Seja no Lixão, seja na cooperativa ou seja na rua. O valor que é destinado ao pagamento deste material é irrisório frente ao valor ganho pela cadeia da reciclagem. Há uma inversão dessa pirâmide. Quem tem mais trabalho é quem é menos remunerado. O trabalho do catador tem uma importância enorme nessa cadeia, porque recolher esse material é capitalizado. É um em um, é uma latinha por um morador da cidade. E o trabalho do catador, que é o mais valioso, é fazer esse serviço logístico de buscar uma latinha e fazer esse norte. O maior custo da reciclagem, é com a logística. O catador faz esse percurso para buscar uma latinha e juntar fardos enormes, nesse trabalho de formiguinha, como chamamos. Ele junta o material, que será transportado de Brasília para uma fábrica em São Paulo, por exemplo."

Sylmara Lopes Franceline Gonçalves Dias, professora do curso Gestão Ambiental e do Programa de Pós-graduação em Ciência Ambiental e Sustentabilidade da USP

“Deve haver uma solução equilibrada”

» KETHERYNE MARIZ ESPECIAL PARA O CORREIO

O Brasil é o quinto maior produtor de lixo do mundo. Perde apenas para Estados Unidos, China, Índia e Alemanha, segundo o doutor pela Universidade Politécnica de Madrid e coordenador do Grupo de Resíduos Sólidos da Universidade Federal de Pernambuco, José Fernando Thomé Jucá. Segundo ele, o tratamento de resíduos, no setor de limpeza pública, movimentada, em todo o território nacional, cerca de R\$ 30 bilhões e gera, aproximadamente, 350 mil empregos, com crescimento de 3% a 5% ao ano, apesar da crise econômica.

De acordo com José Fernando, que coordena o projeto de pesquisa *Alternativas tecnológicas para o tratamento dos resíduos sólidos urbanos no Brasil, com base na experiência da Europa, dos Estados Unidos e do Japão*, Brasília caminha no rumo certo, mas com lentidão. Para ele, o Li-

xão da Estrutural não deve ser inutilizado de imediato. “O aterro ainda não é suficiente para atender a todos os resíduos do Distrito Federal. Brasília é uma das cidades que mais geram lixo no Brasil. Diariamente, são recolhidas 3 mil toneladas”, afirma.

Uma falha para a falta de tratamento de resíduos, apontada por Jucá, seria a escassez de pesquisas e tecnologias a respeito do assunto. “Há 82 mil doutores no país em todos os setores. Desse total, apenas 1,5% trabalha na área de resíduos sólidos. Somos pobres tecnicamente no setor. Na prática, é importante pensarmos na redução da quantidade de restos para os aterros, mas também em gerar novos materiais e reaproveitá-los, além de soluções para geração de energia, impactos ambientais e redução de emissões. Isso traria ganhos ambiental, social e econômico”, detalha.

A preocupação de José Fernando não se resume ao meio am-

Precisamos gastar mais com soluções corretas. Geraria empregos e economizaria matéria-prima. Posso dizer que estamos uns 50 anos atrás da Europa, do ponto de vista tecnológico de tratamento de resíduos”

José Fernando Thomé Jucá, coordenador do Grupo de Resíduos Sólidos da Universidade Federal de Pernambuco

biente. “Em um aterro sanitário, 10 mil toneladas geram um emprego. Em uma unidade de triagem, 10 mil toneladas geram 350 empregos, mas há poucas no Brasil. Percebo que há um esforço em tentar ocupar os catadores, mas não é fácil. Essa função de catar lixo a céu aberto deverá, com o tempo, acabar. De um lado, existe o fechamento do lixão, mas, de outro, há a desocupação de quem trabalha lá. Deve haver uma solução equilibrada”, ressalta.

Segundo o especialista, a Alemanha é o país mais desenvolvido no tratamento de resíduos sólidos, com praticamente todo o lixo reaproveitado como energia ou material. Ele pontua que, por trás disso, há desenvolvimento, cultura e educação. Quanto aos Estados Unidos, ainda de acordo com o pesquisador, existem muitos aterros sanitários, quase 2 mil. E, no Japão, não há espaço para esse tipo de local. Os japoneses usam incineradores, que, além de destruírem os restos, geram calor.

Atraso

Especialista em resíduos sólidos e professora aposentada da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), Eglê Novaes Teixeira acredita que, “se compararmos o Brasil com países de Primeiro Mundo, como, por exemplo, à Holanda, o país está em desvantagem, porém, se comparado a outros de Terceiro Mundo, como alguns da África, a situação está bem melhor”. Em uma visita a Holanda, em 1985, Eglê constatou que não havia mais lixão. “Eles tinham aterro sanitário, fizeram compostagem, incineração e reciclagem dos lixos”, conta.

Para José Fernando Jucá, a solução para alavancar o Brasil no setor seria maior investimento na área. “Precisamos gastar mais com soluções corretas. Geraria empregos e economizaria matéria-prima. Posso dizer que estamos uns 50 anos atrás da Europa, do ponto de vista tecnológico de tratamento de resíduos”, conclui.

Ana Rayssa/Esp. CB/D.A Press



Lucas (E) e Pedro Henrique são os criadores do Projeto Compostare: melhor destino ao lixo orgânico

Faça a sua parte

Uma solução para diminuir a quantidade de lixo orgânico que vai para o Aterro da Sambamba é cada cidadão fazer sua parte. Ao se processar corretamente o que é descartado ainda dentro de casa, a pessoa não só ajudará os catadores de recicláveis dentro do galpão, como poderá usar o sistema de compostagem. Porém, muitos acreditam que o processo é complicado, demorado e até malcheiroso. Foi pensando em levar mais comodidade na hora de guardar as sobras de cascas, frutas e hortaliças, que dois jovens se uniram e criaram a start up Compostare.

O engenheiro civil Lucas Moya, 25 anos, resolveu, durante as aulas voltadas para sustentabilidade, pensar em técnicas para trazer o que muito se

usa em fazendas para a zona urbana de Brasília. Também Pedro Henrique Cunha, 25, ficava incomodado ao ver o quanto de lixo reaproveitável era desperdiçado. O comum entre os dois era a vontade de fazer a comunidade pensar no que acontece depois que colocamos o saco de lixo na porta de casa. “Queríamos dar um melhor destino para o lixo orgânico, que pode ser muito mais útil”, comenta Pedro.

Daqui a um mês, quem aderir e assinar o serviço do projeto, receberá um balde de 12 litros com tampa hermética, no qual deverá guardar restos de produtos específicos. Uma vez por semana, a empresa irá até a casa da pessoa, recolherá o que foi juntado e levará para um pátio de compostagem.

Em troca, todos os meses receberá uma muda de hortaliça ou tempero ou um quilo de adubo. “Temos algo simples e que dá para ser feito. Jogar fora esse material, que vai ser misturado e não aproveitado de forma adequada no aterro, é desperdiçar energia e matéria-prima”, afirma Lucas.

O Projeto Compostare recebe doações até o dia 25 por meio da plataforma de financiamento coletivo Benefiteira. Com meta de arrecadação de R\$ 9 mil, a campanha já conseguiu mais de R\$ 6 mil, e o vídeo promocional conta com mais de 30 mil visualizações. Podem ser usados para compostagem: frutas, grãos e sementes, legumes, verduras, guardanapos e papel toalha, sacos de chá, folhas frescas e sebes de hortaliças, borra e filtro de café.

lato Costa/CB/D.A Press - 12/3/91



Em 1993, viviam 393 famílias na Cidade Estrutural. Desse número, 149 trabalhavam como catadores de materiais recicláveis. Já em 1994, a quantidade de famílias passou para 700.

Breno Fortes/CB/D.A Press - 16/2/06



O Lixão se ampliou e atraiu ainda mais catadores. O SIA foi transformado em uma região administrativa em janeiro de 2004. A Estrutural se tornou a sede urbana da cidade.

Entre as inúmeras tragédias do Lixão, está a do catador Jhony Pereira de Sousa, 17 anos, morador da quadra 8 da Estrutural, que morreu em 2 de fevereiro de 2008, atropelado por um caminhão de lixo.



Silvane Aparecida/CB/D.A Press - 20/02/10



Em 2015, o Lixão da Estrutural já era considerado o maior da América Latina e o segundo do mundo. Cerca de 1,5 mil pessoas viviam dos restos que vinham da capital federal.

Ed Alves/CB/D.A Press - 23/3/16



Atualmente, existem mais de 2 mil catadores que vivem do material do Lixão da Estrutural. A pilha de resíduos chega a 55 metros de altura. A região administrativa também cresceu e conta com cerca de 39 mil habitantes.